

APRENDER E ENSINAR COM TEXTOS: O USO DE GÊNEROS TEXTUAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Sebastião Silva Soares¹

Relato de Experiência

GT: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência vivenciada sobre o uso de gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, que buscou, particularmente nos gêneros jornalísticos, novos meios para promover a prática da leitura e da escrita dos alunos. Essa experiência surgiu a partir do estágio supervisionado, em que foi proposto aos acadêmicos do 8º período do curso de Letras-Português da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES a elaboração do plano de ensino referente à disciplina de Língua Portuguesa que seria ministrada com os alunos do 2º ano do ensino médio, participantes do Núcleo de Atividades para a Promoção da Cidadania (NAP). Diante de tal solicitação, desenvolvemos diversas propostas didático-metodológicas que poderiam ser aplicadas nas aulas de Língua Portuguesa, especificamente ações que pudessem contribuir com o desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos, visto que a professora de estágio salientou que “uma das maiores dificuldades encontradas pelos docentes em sala de aula era a questão da leitura e escrita”. Segundo a supervisora do estágio, em sua maioria, os alunos participantes do NAP demonstravam pouco interesse pela leitura, outros não gostavam de produzir textos, ou até mesmo não conseguiam articular os conhecimentos linguístico-gramaticais na produção textual. Partindo dessa constatação, definimos que o ensino de Língua Portuguesa seria realizado com a inserção dos gêneros jornalísticos, principalmente os vinculados na mídia impressa local Farias (2000), uma vez que acreditávamos que os usos desses gêneros levariam os alunos a defrontar com diferentes situações de participação social, interpretando-os e inferindo as intenções de quem os produz (PCNs, 1997), tornando co-autores e autores de novos textos.

Palavras – chave: Ensino, Língua Portuguesa, Gêneros Textuais.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência vivenciada sobre o uso de gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, que buscou, particularmente nos gêneros jornalísticos, novos meios para promover a prática da leitura e da escrita dos alunos.

Essa experiência surgiu a partir do estágio supervisionado, em que foi proposto aos acadêmicos do 8º período do curso de Letras-Português da Universidade Estadual de

¹ Texto ampliado e revisto do publicado na revista Intercâmbio – Vol. 3 da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Professor de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. E-mail: sebastiãokenndy@yahoo.com.br

Montes Claros - UNIMONTES a elaboração do plano de ensino referente à disciplina de Língua Portuguesa que seria ministrada com os alunos do 2º ano do ensino médio, participantes do Núcleo de Atividades para a Promoção da Cidadania (NAP).

Diante de tal solicitação, desenvolvemos diversas propostas didático-metodológicas que poderiam ser aplicadas nas aulas de Língua Portuguesa, especificamente ações que pudessem contribuir com o desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos, visto que a professora de estágio salientou que “uma das maiores dificuldades encontradas pelos docentes em sala de aula era a questão da leitura e escrita”. Segundo a supervisora do estágio, em sua maioria, os alunos participantes do NAP demonstravam pouco interesse pela leitura, outros não gostavam de produzir textos, ou até mesmo não conseguiam articular os conhecimentos linguístico-gramaticais na produção textual.

Partindo dessa constatação, definimos que o ensino de Língua Portuguesa seria realizado com a inserção dos gêneros jornalísticos, principalmente os vinculados na mídia impressa local (FARIAS, 2000), uma vez que acreditávamos que os usos desses gêneros levariam os alunos a defrontar com diferentes situações de participação social, interpretando-os e inferindo as intenções de quem os produz (BRASIL, 1997), tornando co-autores e autores de novos textos.

Fundamentação Teórica

No desenvolvimento deste projeto, apoiamos-nos em estudos de diversos teóricos que abordam de maneira significativa a importância do uso de gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, a fim de que o aluno se aproprie dos conhecimentos linguístico-gramaticais para desenvolver a capacidade de ler e produzir textos nas diversas esferas comunicativas.

Dentre os teóricos, citamos inicialmente os pensamentos de Bezerra (2007) que, apoiada nos estudos de Bakhtin (1997) sobre os gêneros do discurso, propõe que o ensino da língua materna sob o prisma dos gêneros textuais pode possibilitar no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos, pois as aulas podem deixar de ter um caráter normativo, e passarem a ter um caráter dinâmico e o aluno poderá construir seu conhecimento na interação com o objeto de estudo (gênero oral e /ou escrito).

Recorremos, também, às concepções teóricas de Dell’Isola (2008) que aponta para a necessidade do ensino da língua materna ser realizado sob a perspectiva do uso de gêneros

textuais, uma vez que, por meio da estrutura e função dos textos, os alunos tornam-se indivíduos letrados, capazes de produzirem suas próprias leituras e escritas.

As atividades foram realizadas, ainda, baseadas nos estudos de Marcuschi (2001) e Bazerman (2005) os quais ressaltam que o ensino de línguas na perspectiva dos gêneros textuais poderá levar os alunos à produção e análise de eventos linguísticos dos mais diversos, tanto escritos quanto orais, além de compreenderem as características de cada texto. Ancoramos também nas pesquisas desenvolvidas por Bonini (2008) e Farias (2000) que apontam que o uso dos gêneros jornalísticos em sala de aula pode contribuir com a formação do cidadão crítico, além de contribuir com o desenvolvimento da leitura e escrita.

Considerando os postulados acima, os teóricos defendem que o ensino da língua materna por meio dos gêneros textuais tem um papel fundamental, já que os alunos poderão realizar leituras, análises e produções levando em conta o uso e funções dos elementos linguístico-gramatical, tornando indivíduos capazes de produzirem suas próprias leituras e escritas como verdadeiros leitores e produtores de texto.

Caracterização da unidade de ensino

A Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES é uma instituição de ensino público localizada no Norte de Minas Gerais, sediada na cidade de Montes Claros/MG. Atualmente a instituição oferece cursos de graduação, de pós-graduação "*Lato sensu*" e "*Stricto sensu*", além de projetos de extensão como o Núcleo de Atividades para a Promoção da Cidadania (NAP).

O NAP é um projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES e ao Departamento de Ciências Exatas, criado no ano de 2006, cujo objetivo é oferecer reforço escolar e promover a cidadania aos alunos da rede pública de ensino do (9º ano do ensino fundamental; ao 1º, 2º e 3º anos do ensino médio), além de proporcionar aos acadêmicos oportunidades para colocarem em prática os conhecimentos adquiridos na universidade, bem como desenvolverem as habilidades necessárias para o exercício da profissão docente. Atualmente as ações são desenvolvidas nas cidades de Montes Claros e São Francisco/MG, além de oferecer, hoje, à comunidade escolar, um ambiente virtual em que as atividades realizadas no núcleo podem ser acessadas.

As aulas são ministradas pelos acadêmicos dos cursos de licenciatura da universidade, que atuam como monitores (professores-acadêmicos) e, por sua vez, são

orientados e avaliados por professores supervisores. Dentre as atividades, eles ministram aulas de Geografia, História, Química, Português, Literatura, Espanhol, Inglês, Matemática, Filosofia, Biologia, Física, Sociologia, e Redação.

As turmas, em geral, são formadas por alunos jovens (entre 14 e 23 anos) em condição de vulnerabilidade social, moradores de diferentes bairros da cidade de Montes Claros/MG. A turma em foco para esse relato de experiência era composta por 27 alunos; sendo 16 (dezesesseis) do sexo feminino e 11 (onze) do sexo masculino.

Descrição da experiência

No primeiro momento, realizamos um diagnóstico com as turmas, com o objetivo de verificarmos o nível de competência linguística dos estudantes. Ao mesmo tempo, acreditávamos que esse seria o primeiro passo para a interação aluno/professor-acadêmico, além de poder compreender as dificuldades que os alunos apresentam em sala de aula.

Em segundo lugar, pretendíamos demonstrar aos alunos que o ensino da língua materna vai muito além das regras gramaticais, assumindo uma relação de troca, informação, comunicação e interação, haja vista que tradicionalmente o ensino de Língua Portuguesa se volta para a exploração da gramática normativa/prescritiva (BEZERRA, 2007, p 37).

Nas primeiras aulas, alguns alunos apresentaram certa rejeição quanto à metodologia empregada, principalmente quando envolviam as atividades de leitura e de escrita. Isso porque, para a maioria, a metodologia aplicada em sala de aula não era compatível com o trabalho desenvolvido pelos seus professores na escola regular, descrito por eles “como um ensino normativo que visava somente ensinar um conjunto de regras gramaticais, sem apresentar aos mesmos uma aprendizagem para a vida”.

Nas atividades de leitura, adotamos a dinâmica da leitura “antes e pós”, na qual cada aluno a partir da sua experiência de vida relataria antes das leituras dos textos, fatos que seriam coerentes com as temáticas a serem analisadas nos textos, particularmente pelo fato dos gêneros do jornal se configurar como mecanismo social e de linguagem (BONINI, 2008). Após as práticas de leitura, os organizávamos vários grupos de discussão, em que cada aluno desenvolveu argumentos a favor ou contra as informações vinculadas nos jornais.

Com essas atividades, começamos a perceber que os estudantes despertaram o interesse pela leitura, uma vez que as informações vinculadas nos textos faziam parte de seu contexto de vida. Em outras palavras, à medida que as atividades eram desenvolvidas os

alunos demonstravam interesse pela leitura, pois os textos em sua maioria apresentavam uma linguagem de “fácil compreensão”.

Quanto à produção escrita, a princípio, os alunos não aceitaram e demonstraram certa rejeição à proposta de trabalho, uma vez que, com base no plano de trabalho, os alunos produziram diversos gêneros textuais, aliado a isso, empregamos também a prática da (re)escritura textual, com intuito desenvolver a prática da leitura, como também a produção escrita.

Para superarmos esses impasses, desenvolvemos um trabalho de consultoria sobre as adequações e inadequações linguísticas apresentadas nas leituras e na produção de textos, para que os estudantes compreendessem que o aprendizado das regras gramaticais nas aulas de Língua Portuguesa não se limitava a provas e exercício, e sim a uma maneira de saber adequar a fala e a produção escrita às diferentes situações comunicativas.

Nessas atividades, os alunos produziam diversos gêneros textuais tais como: *carta, artigo de opinião, resumo, charge*, conseguindo reconhecer os gêneros textuais e as suas relações com os contextos de produção e recepção, além, é óbvio, de saber empregar de maneira coesa e coerente os conhecimentos linguístico-gramatical que eram abordados em sala de aula, em especial o emprego e as funções das classes gramaticais.

Em síntese, nas atividades que envolveram a leitura articulada à escrita, os alunos tiveram a oportunidade de articular no papel as idéias compreendidas nas aulas, nas leituras dos textos, e acima de tudo, posicionar de maneira crítico-reflexivo nas diferentes situações sócio-comunicativas. Isso porque, através da comunicação por gêneros textuais, é possível desenvolver as habilidades comunicativas e compreender melhor o mundo com que está se comunicando (BAZERMAN, 2005, p.106).

Priorizávamos nessa prática, um espaço aberto ao diálogo, à troca de experiências, (BAKTHIN, 1997, p 123), cujo objetivo foi demonstrar aos alunos que estudar a estrutura linguístico-gramatical da língua não é só aprender a sua estrutura fonológica, morfológica e sintática, mas também os seus significados histórico, social e cultura, e com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

Avaliação dos resultados

Os alunos, por meio dessa metodologia de trabalho descrita acima, puderam perceber que o ensino de Língua Portuguesa ultrapassa as normas gramáticas presentes nas gramáticas e nos livros didáticos. Descobriram que as experiências de vida podem contribuir

com a produção escrita, principalmente no desenvolvimento de opiniões, visto que o “texto” não pode ser compreendido como uma estrutura fechada, e sim, um elemento que sofre novas interpretações a cada contexto. Por meio dessa atividade, os alunos descobriram que a produção escrita exige além dos conhecimentos linguístico-gramaticais, um exercício crítico-reflexivo, pois o emprego de uma palavra pode assumir diversos significados de acordo com o contexto.

Considerações finais

Diante do relato aqui apresentado, que se pautou na exposição de uma experiência sobre o uso dos gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, é perceptível que o ensino de Língua Portuguesa, apesar de ter atualmente por base um ensino contextualizado como propõe as diretrizes do ensino da língua materna (ROJO, 2000), continua alicerçado nos padrões tradicionais, que não apresenta um conteúdo significativo aos alunos.

Ou seja, muitos professores concebem a educação no mundo atual nos moldes da “educação bancária”, discutida por Freire (2005, p. 67) na qual o professor é o detentor do conhecimento e o aluno mero espectador. No entanto, precisamos criar em sala de aula metodologias que venham favorecer a aprendizagem dos alunos, tornando-os produtores de conhecimento, já que percebemos que a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, mas pelo fenômeno social da interação verbal (...) (BAKHTIN, 1997, p. 123).

Portanto, concluímos com essa reflexão que a prática dos gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa e demais disciplinas pode possibilitar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos, pois as aulas podem deixar de ter um caráter normativo e passarem a possuir um caráter dinâmico em que aluno poderá construir seu conhecimento na interação com o objeto de estudo (gênero oral e /ou escrito).

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo; Martins Fontes, 1997.

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

BEZERRA, M. A. *Ensino de Língua Portuguesa e contextos teórico-metodológicos*. In: Dionísio, Ângela. P (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BONINI, A. *Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino*. In: Acir Mário Kaewosk, Beatriz Gaydeczka, Karim Siebeneicher Brito (Orgs) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

- BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SE, 1997.
- DELL'ISOLA, R. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- FARIAS F. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2000.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: A.P. Dionísio; A.R. Machado; e M.A Bezerra (Orgs), *Gêneros textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna; 2001.
- ROJO, R. (2000). *Os PCNs, as práticas de linguagem (dentro e fora da sala de aula) e a formação de professores*. In: Rojo, R. (org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas: Mercado de Letras, p 27-38.